

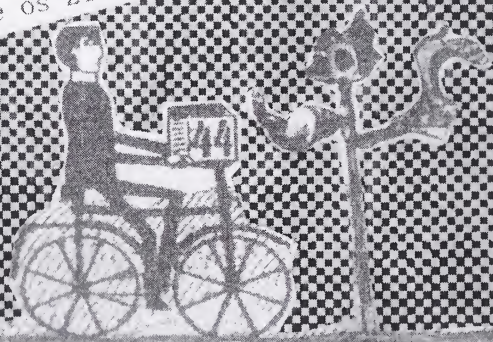
MISÉRIA

A Retrógrada Imprensa Punk  
Corta os Pulsos Com Folhas de Sulfite



Fala-se tanto de poesia porque os pobres de espírito  
querem algo do além para enriquecer suas  
trincheiras podres de carniça, por todos os buracos  
da cabeça são lançadas as verborragias demoníacas  
que prometem fazer boiar as ideias em  
decomposição.

Entrevista com o Fear Of The Future  
Impressões sobre os Zines Fardo e Mar (In)Tranquilo



"Terminei" esta porcaria hoje, depois de um século: 13/12/2014.

TORNE-SE  
A MÍDIA

A doença de querer ser livre em plena segunda-feira

O espírito que lança no ar a contingência absoluta

A CIDADE É

SSA OCUPA A





Blá blá blá do início.

Eu perdi um pouco as contas, acho que esta é a quinta edição, ela sai bem atrasada, eu pensei em parar com essa merda, mas desisti de desistir. A entrevista com o Fear Of The Future foi feita entre o final de 2013 e o começo de 2014, peço desculpas à banda pela demora, espero lançar pelo menos uma edição que preste, um dia ela sai. Valeu pelas respostas também, ficam aqui meus agradecimentos ao Bonga, Felipe e Fred! Este zine miserável agradece!

Para quem não sabe o Miséria é um zine autônomo com viés libertário, feito para contribuir de alguma forma com essa coisa de cultura punk. É uma publicação cuja periodicidade(?) se dá de forma randômica.

Além do zine, eu toco em duas bandas, o Satan Livre e o Cinza Vs. Verde, se quiserem entrar em contato é só me mandar e-mail no [miseria@countermail.com](mailto:miseria@countermail.com)

Eu também participo do Cineclube Latino-Americano Juan Carlos Arch, que fica nas dependências do Memorial da América Latina, mas funciona de forma independente. A programação não é exclusivamente de filmes latino-americanos, mas preferencialmente nós projetamos filmes daqui. Algumas projeções são de graça, mas geralmente cobramos uma taxa de manutenção no valor de 5 acéios.

Vocês podem conferir a programação na página do facebook: <https://www.facebook.com/CineclubeLatinoAmericano> no

Ou na web mesmo: [cineclubelatinoamericano.com.br](http://cineclubelatinoamericano.com.br)

Este é o e-mail para contato com o cineclube: [cineclubelatinoamericano@googlegroups.com](mailto:cineclubelatinoamericano@googlegroups.com)

a descarga se dissipa após um grito nos pequenos intervalos entre uma morte e uma vida.

Zine - FARDÓ - Christian Astulla

Dizem que a pessoa se torna depressiva quando a vida perde a perspectiva, quando olha-se para o futuro e pensa-se que já se viveu o que havia para ser vivido. O ambiente urbano, com sua rotina, suas compulsoriedades, convulsiona de atos errantes seres que despencam, se arrastam para o inferno de si mesmos rodeados de tantos outros em uma espécie de beco sem saída. As vezes sinto-me estéril de tanto trabalhar, de tanto produzir, quando paro para pensar que sou um reflexo daquilo que faço e me pego semiacordado, abarrotado em uma caixa de ferro rumo a um quadrado de concreto...

Criar espaços autônomos nas vísceras da consciência, balbuciar filosofia nos esgotos da razão.



Blá blá blá do início.

Eu perdi um pouco as contas, acho que esta é a quinta edição, ela sai bem atrasada, eu pensei em parar com essa merda, mas desisti de desistir. A entrevista com o Fear Of The Future foi feita entre o final de 2013 e o começo de 2014, peço desculpas à banda pela demora, espero lançar pelo menos uma edição que preste, um dia ela sai. Valeu pelas respostas também, ficam aqui meus agradecimentos ao Bonga, Felipe e Fred! Este zine miserável agradece!

Para quem não sabe o Miséria é um zine autônomo com viés libertário, feito para contribuir de alguma forma com essa coisa de cultura punk. É uma publicação cuja periodicidade(?) se dá de forma randômica.

Além do zine, eu toco em duas bandas, o Satan Livre e o Cinza Vs. Verde, se quiserem entrar em contato é só me mandar e-mail no [miseria@countermail.com](mailto:miseria@countermail.com)

Eu também participo do Cineclube Latino-Americano Juan Carlos Arch, que fica nas dependências do Memorial da América Latina, mas funciona de forma independente. A programação não é exclusivamente de filmes latino-americanos, mas preferencialmente nós projetamos filmes daqui. Algumas projeções são de graça, mas geralmente cobramos uma taxa de manutenção no valor de 5 acéios.

Vocês podem conferir a programação na página do facebook: <https://www.facebook.com/CineclubeLatinoAmericano> no

Ou na web mesmo: [cineclubelatinoamericano.com.br](http://cineclubelatinoamericano.com.br)

Este é o e-mail para contato com o cineclube: [cineclubelatinoamericano@googlegroups.com](mailto:cineclubelatinoamericano@googlegroups.com)

a descarga se dissipa após um grito nos pequenos intervalos entre uma morte e uma vida.

Zine - FARDÓ - Christian Astulla

Dizem que a pessoa se torna depressiva quando a vida perde a perspectiva, quando olha-se para o futuro e pensa-se que já se viveu o que havia para ser vivido. O ambiente urbano, com sua rotina, suas compulsoriedades, convulsiona de atos errantes seres que despencam, se arrastam para o inferno de si mesmos rodeados de tantos outros em uma espécie de beco sem saída. As vezes sinto-me estéril de tanto trabalhar, de tanto produzir, quando paro para pensar que sou um reflexo daquilo que faço e me pego semiacordado, abarrotado em uma caixa de ferro rumo a um quadrado de concreto...

Criar espaços autônomos nas vísceras da consciência, balbuciar filosofia nos esgotos da razão.



todas essas formas geométricas da repressão, do sufoco... penso que não estou desiludido porque nem ao menos tive o gosto de sentir a ilusão, quem nasce longe de tudo tem dificuldades para viajar, mesmo indo e vindo e perdendo horas em trajetos tão distantes. Sinto a pele morta dos calos nos pés, nas mãos e no cérebro, nos olhos, parece que tudo está calejado, é difícil sentir o que quer que seja, eis aí o medo, medo de



estar cego mesmo vendo, se estar surdo mesmo escutando, de estar preso mesmo sendo livre. Reparo nos cantos das pontes, das passarelas, e enquanto o tempo estraga o cimento, nascem as plantas da resistência. Do outro lado, alguém pula de um andar bem alto e me preocupo com minha insensível sensibilidade, o chão é o limite. Esborrachar-se. Quanta coragem. Ir de encontro com o nada. Todo aquele invólucro de alumínio, mais uma manchete, vê-se uma gravata vazando pelo saco,

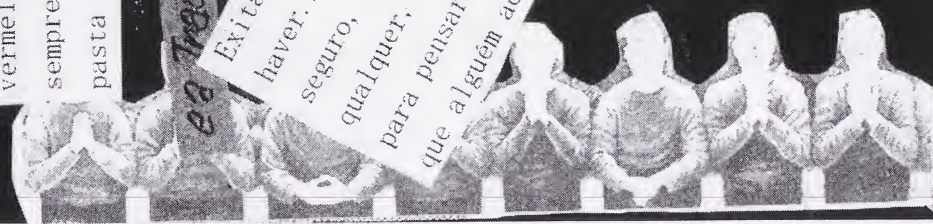
vermelha, bem próxima a poça de sangue, que escorre. Preocupo-me com o trânsito, sempre caótico, maldito suicida, egoísta de merda, não pensou na gente... virou pasta de dente, de uma imprensa sem noção.

**COLONIAL**

A única função da imprensa impressa convencional é servir de recorte para fanzines. Não só somos a antítese do modelo de disseminação de informação como também fazemos um processo contra antropofágico, nós engolimos a "grande" mídia, mas ao invés de digerir-la nós a vomitamos.

Zine - Mar (In)Tranquilo - Leandro Agassi

Evitar, hesitar... infinitudes que terminam com ar, mas aqui parece não haver... As correntes levam, prendem, amarram, arrastam. Besteira achar-se seguro, nem por isso encanar com o acaso. Poderia muito bem acordar em um dia qualquer, tropeçar, bater a cabeça na privada e quebrar o pescoço, mas não paro para pensar nessas coisas quando preciso ir correndo ao banheiro, mesmo sabendo que alguém acabou de tomar banho lá, e o chão está molhado.





Sentir-se só é estar em conexão com a realidade, assim como quando me sinto

A retrógrada imprensa punk corta os pulsos com  
folhas de sulfite. a sensibilidade. nossa

retrógrada imprensa  
folhas de sulfite.

retrógrada imprensa  
folhas de sulfite.

retrógrada imprensa  
folhas de sulfite.

A  
fo  
A  
fo

A  
fo  
A  
fo

A  
fo  
A  
fo

A  
fo  
A  
fo

A  
fo  
A  
fo

A  
fo  
A  
fo

triste, a tristeza, a solidão, a angústia, são sintomas de uma sociedade  
decadente, de um mundo de fome, de miséria, sentir-se assim é perceber a  
realidade dentro e fora de si, incrível a necessidade que as pessoas tem de se  
sentirem felizes, e as coisas atrozes que elas fazem para esquecer os monstros  
que são.

retrógrada imprensa  
folhas de sulfite.

retrógrada imprensa  
folhas de sulfite.

retrógrada imprensa  
folhas de sulfite.

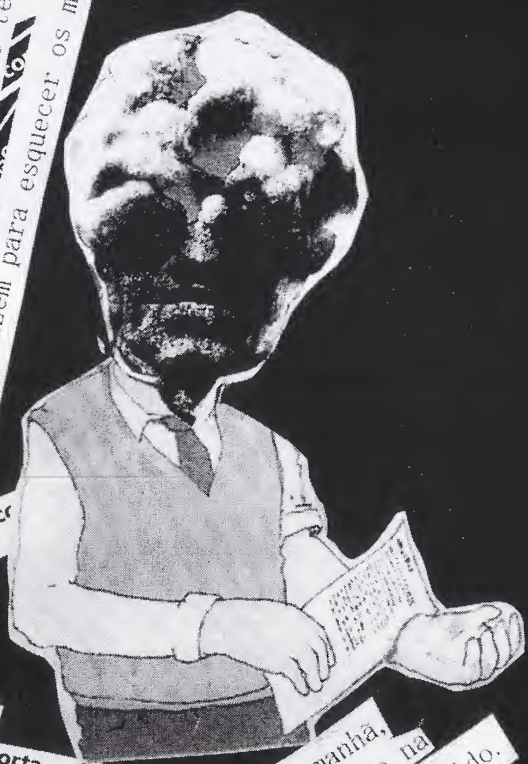
retrógrada imprensa  
folhas de sulfite.

retrógrada imprensa  
folhas de sulfite.

retrógrada imprensa  
folhas de sulfite.

retrógrada imprensa  
folhas de sulfite.

retrógrada imprensa  
folhas de sulfite.



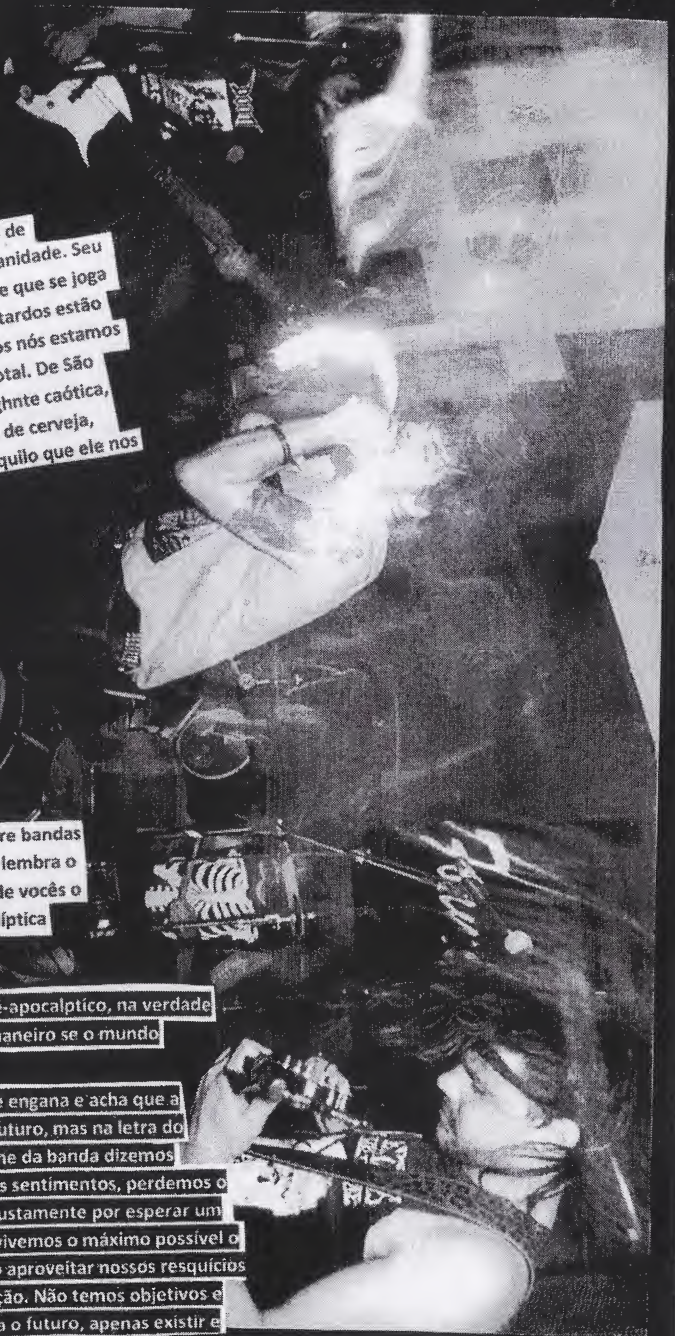
O Fear Of The Future é um vômito de  
desesperança no destino da humanidade. Seu  
som é o reflexo de uma sociedade que se joga  
na podridão da rotina. Esses bastards estão  
enchendo a cara enquanto todos nós estamos  
despencando para o desastre total. De São  
Paulo, a cidade-lixo, tediosamente caótica,  
eles aparecem com seus bafos de cerveja,  
devolvendo ao mundo tudo aquilo que ele nos  
enfia goela abaixo.

Miséria: Fala-se com frequência sobre bandas  
pós apocalípticas, com um som que lembra o  
verdadeiro fim do mundo, no caso de vocês o  
termo mais correto seria pré apocalíptica  
devido ao nome da banda?

Fred Bahia: Não é pré-apocalíptico, na verdade  
eu iria achar muito maneiro se o mundo  
acabasse.

Bonga: Muita gente se engana e acha que a  
banda tem medo do futuro, mas na letra do  
som que leva o nome da banda dizemos  
"perdemos todos os sentimentos, perdemos o  
medo no futuro". Justamente por esperar um  
futuro fodido que vivemos o máximo possível o  
presente, tentando aproveitar nossos resquícios  
de saúde e disposição. Não temos objetivos e  
nem ambições para o futuro, apenas existir e  
destruir.

pimar.ramos@gmail.com





"Neste mundo de merda quem liga para o amanhã. Vamos chapar antes que seja tarde demais".

Felipe: Se eu pudesse anunciar o apocalipse com música, eu o faria! Hahaha. As bandas que nos inspiram são de tempos em que as pessoas vivenciavam o medo de uma catástrofe nuclear de forma mais próxima. Hoje, apesar de ainda existir armas capazes de varrer a vida do planeta, de o fantasma de uma catástrofe ecológica estar sempre nos rondando, este tema não está tão presente no cotidiano das pessoas.

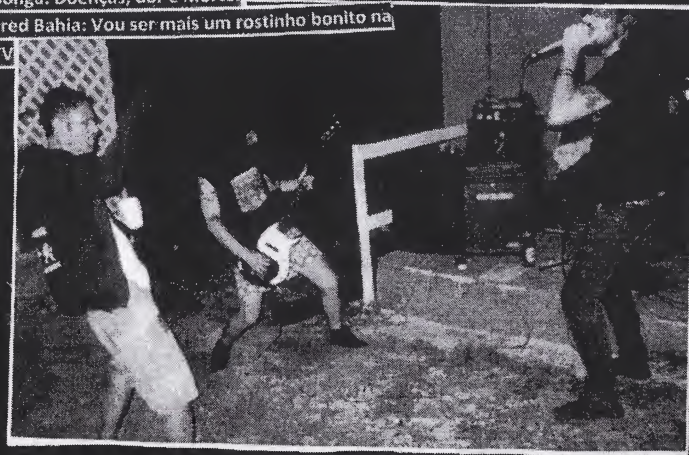
Miséria: Que Futuro tenebroso nos espera?

Felipe: Enquanto indivíduos e enquanto espécie nosso futuro é o mesmo: deixar de existir. Não existimos a maior parte do tempo. Temos um pequeno intervalo em que estamos aqui e temos a obrigação para com nós mesmos de fazer esse pequeno tempo de vida ser bom e prazeroso de alguma forma. Cada pessoa sabe de si e cada pessoa tem que descobrir como fazer isso. Depois deixamos de existir novamente. O que é ótimo. O futuro é o nada que já existia antes de existirmos.

Bonga: Doenças, dor e morte.

Fred Bahia: Vou ser mais um rostinho bonito na

TV



Miséria: Vocês formaram a Fear Of The Future no final de 2012(?), provavelmente já com influências daquelas bandas da Suécia (Fear Of War, Rescues In Future)... Além disso o nome da banda é um som muito foda do Doom, eles também serviram como inspiração? Quais sons inspiram vocês direta ou indiretamente?

Bonga: O nome é sim uma certa homenagem às duas bandas que você citou, mas não apenas bandas suecas dos 80's (Anti Cimex, Puke, Moderat Likvidation, Disarm, etc) são influências para gente, como também 77 punk (Sex Pistols, Generation X, Damned), heavy metal (Judas Priest, Satan), UK 82 (GBH, Discharge, English Dogs), algumas coisas finlandesas, como Bastards e Kaos, alguma coisa de pós-punk/death-rock e muitos outros barulhos. Algumas coletâneas também, como V/A Vikings are Coming, V/A Sub, V/A Afflicted Cries in the Darkness of War. Toda a banda gosta muito da banda Doom e do som Fear of the Future deles, mas eles não são uma influência direta para a gente.

Bahia: Fear of the Future do Doom é maneiro, mas eu prefiro a do próprio Fear of the Future.



Miséria: Vocês fazem as letras baseadas em temas específicos ou elas aparecem do nada durante os ensaios e coisas do tipo? Quais temas vocês mais abordam? pelo visto tem alguém querendo ficar doidão...

Bonga: Geralmente algum dos três (Bahia, Felipe ou Marcelo) aparecem com alguma base, já que os três tocam guitarra. A partir dela vamos construindo as músicas e encaixando as letras, que geralmente são escritas por mim, mas passam pela "aprovação" de todos. Falamos sobre ser você mesmo, não seguindo nenhuma ideologia ou moral pré-estabelecida, sobre o caos das vidas após a revolução industrial, sobre a cidade lixo na qual moramos e temos como base a banda (São Paulo), sobre arrancar a cabeça de nazistas, sobre o genocídio indígena latino americano, entre outros assuntos.

Miséria: O caos parece ser a filosofia, ou anti filosofia da banda. É isso mesmo? Vocês não tem família? Não trabalham? Onde foi parar a moral e os bons costumes? Vocês não aprenderam nada com o cristianismo?

Felipe: A banda não tem a intenção de ter uma filosofia pré-definida. Talvez nesse sentido o caos seja mesmo nossa filosofia. Vou citar de memória uma fala do personagem José, do romance "Zero", do Ignácio de Loyola Brandão: "Família é uma merda, eu fugi da minha". Me identifiquei totalmente com isso. Fiz questão de perder o contato com todas as pessoas de minha família que não são minhas amigas.

A  
abolição da família e do trabalho são bandeiras que tem que estar na pauta de qualquer movimento que se pretenda revolucionário. O resto é conservadorismo disfarçado. Eu trabalho porque tenho contas pra pagar, porque ainda vigora o princípio cínico: "quem não trabalha não come". Mas estou estudando maneiras de viver sem trabalhar. O que eu aprendi com o cristianismo foi o seguinte: "Diga-me com quem andas que te direi quem és". Jesus andava com Judas e Judas andava com Jesus. A bíblia não passa de literatura de má qualidade.

Fred Bahia: Família? cristianismo? Eu me afastei da minha família por causa do próprio cristianismo, eu não aguentava mais aturar aquele bando de crentes gritando em minha casa, não conseguia ler, nem compor e nem sequer escutar um LP. Quando eu era criança minha mãe me obrigava a ir na igreja e se recusasse eu apanhava, agora me responde você isso, isso é coisa de Deus? Minha família vem até hoje vivendo a base de mentiras, ignorâncias e explorações, as vezes me considero mais anti-teísta do que ateu, por eu sentir uma revolta muito grande do cristianismo e dessa instituição podre e fascista que é a igreja...



Bonga: O cristianismo para mim é a pior coisa que já existiu na Terra em toda a sua existência. Já mataram mais que o nazismo e seu efeito político-social é terrível até os dias de hoje. Basta ver a colonização indígena promovida pelos seus malditos padres. "Eu odeio Deus e todas as suas ovelhas". O caos é o que pode tirar-nos um pouco do tédio da rotina terrível do dia a dia, pois não temos pais que sustentam-nos ou quem banque o nosso aluguel, então somos obrigados a trabalhar e a cada vez cavar mais fundo a nossa cova.

Miséria: As manifestações de Junho levaram um grande número de pessoas para as ruas e o que era para ser um protesto contra o aumento da passagem (no transporte público) em diversos lugares do Brasil acabou sendo entre outras coisas a expressão multifacetada da população e suas insatisfações com relação ao(s) governo(s). Vocês participaram das manifestações? O que acharam dela? No split que vocês lançarão, a tem um som que se chama "Odeio O Brasil", os fatos recentes ocorridos no país influenciaram de alguma forma a criação dessa "música"? Vocês podem falar um pouco sobre a letra desse som?

Bahia: Na época das manifestações, fui reprimido pela polícia e também por manifestantes ao queimar a bandeira do estado de São Paulo, confesso que eu tinha achado que estava voltando a ser politizado, naquele momento, senti vontade de tentar não deixar um pesadelo militar voltar a acontecer como era na época de nossos pais, espero que não venha a acontecer, mas se acontecer, espero não estar vivendo aqui, quanto a Odeio Brasil, acho que essa música chegou em uma boa hora para nós demonstrarmos o descontentamento não só com a política, mas como a sociedade inteira que vive aqui.

Felipe: Sobre as manifestações de junho, só tenho a dizer que na multidão é sempre a burrice que se destaca. Quando a voz das ruas se expressa de maneira nacionalista, com reivindicações que fazem eco à direita conservadora, o melhor a fazer é ficar em casa. O som "Odeio o Brasil" não foi inspirado neste episódio, mas acabou surgindo em boa hora. A melhor hora pra jogar bosta na bandeira é quando as ruas estão pintadas com as cores das bandeiras e as multidões estão cegas pelo ufanismo.

Bonga: As manifestações de Junho fizeram eu voltar à rua depois de anos de ausência e descrença. Fui duas vezes na onda de Junho. Na primeira fui brutalmente reprimido pela Polícia Militar e na segunda pela própria população, na passeata pós repressão brutal, onde uma boa parte da população, que nunca havia ido, saiu à rua e podemos ver seus nojentos discursos nacionalistas, religiosos e homofóbicos. Não acredito mais em mudanças profundas político-sociais pois simplesmente não acredito que seres humanos podem ser organizados decentemente. O som "Odeio o Brasil" não tem a ver com a onda de manifestações, é apenas um relato sincero do que sentimos vivendo neste BRASILÃO COCÔ, além de um "hino" anti nacionalismo/nacionalistas.

Miséria: Qual a opinião de vocês com relação aos Black Blocs? São apenas mais uma moda ou estão aí para valer? As crianças agora vão parar de vestir roupas coloridas e escutar Restart para aderir ao vestuário preto e à ação direta anarquista?

Bonga: Acho que a onda da moda foi mais com relação à população geral que saiu pela primeira vez na rua, com um discurso bem reacionário, esses foram os piores. Embora eu acho que tenha gente que está indo de embalo aos black blocks, creio que pouca galera da juventude está aderindo à linha de frente a ao vestuário negro. No momento mesmo que estou redigindo estas respostas, o black block já está mais pulverizado e a mídia parou de dar atenção.



Felipe: A tática Black Block, assim que a mídia esgotar o assunto, distorcer tudo, explorar e cansar as pessoas do assunto, vai voltar a ser o que sempre foi: uma tática adotada por uma minoria disposta a enfrentar a força policial nas manifestações de rua. As crianças são consumidoras de modas, de novidades. Se na época das manifestações alguém lançasse uma linha de bonecos Black Block, ou uma linha de roupas pra protesto, ia lucrar bastante.

Bahia: Quem derá que o Black Bloc estivesse na moda, é bem melhor do que a realidade que a gente vê nas ruas de São Paulo hoje realmente, que é um bocado de cabeças de rolas na rua espantando gays, imigrantes e negros.

O Stewart Home dizia que o punk e a mail art eram os únicos tipos de arte que podiam ser chamados de "movimentos", provavelmente pelo fato de existirem em diversos lugares do mundo ao contrário de outros tipos (na época). A mail art provavelmente se foi quando a internet foi popularizada, o punk se mantém por aí e vai além de uma simples tendência passageira sendo muitas vezes considerado uma "cultura". Vocês enxergam o punk dessa forma? Depois desses anos todos podemos considerá-lo uma cultura de resistência?

Bonga: Para mim o punk tem muito mais a ver hoje com (contra) cultura do que um movimento. Mais com o estilo de vida do que com você mesmo e do procurar, o máximo possível, ser você mesmo. Acho sim uma cultura de resistência, quando falamos das produções marginais e sem apoio de entidades capitalistas ou governamentais. Não acho que o punk vá mudar o mundo ou qualquer bairro, ou rua, mas pode mudar as pessoas e tornar a vida delas mais independente dos grandes senhores e da grande mídia.



Miséria: Como vocês enxergam a cena barulhenta em São Paulo atualmente?

Bonga: Muitas bandas, pouco legal lugar para tocar, pouco público no underground, ao meu ver, devido a grande oferta de shows grandes e gringos disponíveis a todo final de semana, o que acaba esvaziando os eventos DIY e as casas

acabam sumindo. Fora que muita gente anda sem grana mesmo. Bandas daqui da área gostaria de destacar o Nuclear Frost, Social Chaos, Unfit Scum, DER, entre outras. Picos para tocar o Formigueiro (Zona Leste), Zapata (Centro), Pezão e Cidadão do Mundo (ABC), Cicas (Zona Norte) e Casa Mafalda (Zona Oeste). Loja Extreme Noise Discos, estúdio de ensaio e gravação Caffeine. A cena é massa pela diversidade e pela facilidade de fazer as coisas, mas está espalhada por nichos e regiões.

Miséria: Além de ver surgirem e desaparecerem ícones do mainstream, parece que temos assistido a morte da própria indústria da música (rezo todos os dias para isso hahahaha), que faz de tudo para manter sua margem de lucro, sobretudo procurando bloquear downloads gratuitos na internet. Vocês acham que os downloads afetam negativamente as bandas independentes também? Na opinião de vocês a indústria da música irá falir ou apenas mudará para a internet?

Bonga: Eu acho que não afetam negativamente, no caso das bandas independentes, só ajudam. Creio que o formato álbum, infelizmente, esteja cada vez mais ultrapassado, com as pessoas tendo acesso ilimitado à informação, diversas coisas para ver, fazer e ouvir ao mesmo tempo, pouca gente, novamente infelizmente, hoje em dia para ouvir, com calma, um álbum completo de algum artista novo ou local. Mas não estamos nem aí para ninguém e o Fear está planejando um full para o final do ano que vem. A indústria da música já vêm sofrendo bastante, tirando os popstars, há poucas bandas de rock hoje em dia que ainda possa atingir os níveis de dinossauros dos anos 70 e 80.

Miséria: Existe algum preenchimento para o vazio humano que não seja um placebo?

Bonga: Ai vai de cada um. Humanos estão sempre procurando dar um sentido para as suas vidas, seja procriando, sendo beneficente, sendo um acumulador de riquezas, ou gastando seu tempo livre se auto destruindo. Sei lá, nunca fui alegre por ter vida. Felipe: Se existe ou não, não sei. Mas isso não é desesperador. Não preciso de um significado profundo ou metafísico da minha existência pra preencher meu vazio. Um bom almoço, uma boa cerveja já preenchem legal. Placebo ou não, o que importa?



Bahia: Não sou a melhor pessoa para responder isso para você, mas sendo placebo ou não esse momento de felicidade tem que ser aproveitado ao máximo, existem várias maneiras de conseguir essa sensação, senso que só é possível atingi-las se ao menos você se conhecer pelo menos um pouco, é isso no que acredito.

Miséria: Dizem por aí que vivemos tempos pós-utópicos, esse é um motivo para se ter medo do futuro?

Bahia: Acho tarde demais pra começar a temer alguma coisa, o mundo já está ruim faz tempo e nem precisou chegar na fase 'pós-utópica', a única diferença é que a vida vai fazer menos sentido para a maioria das pessoas.

Felipe: O grande problema do fim das utopias é olhar pra frente e não ver perspectiva de mudança. Todas as tentativas de organização da sociedade civil que conhecemos são uma merda. Fim das utopias significa, no fim das contas, conformismo, resignação. Aceite as coisas como são, não sonhe em mudar nada. Mas o tempo é cíclico, e novas utopias devem surgir no horizonte. É o ser humano vai botar tudo a perder de novo. Cíclico.

Bonga: Hmmm, de certa forma sim, pois percebemos que nenhum sistema político ou social funciona na prática. Acho que a "morte de Deus" também colabora para a falta de perspectivas e objetivos, acho que é notável que hoje a religião seja muito mais algo cultural do que místico. A ideia de paraíso e vida após a morte vêm decrescendo na mente de geral, a maioria já tá ligada que o lance é nascer, sofrer e morrer.

Miséria: A Suécia é tida como um dos países mais avançados politicamente, com sua Social Democracia. Seguindo o exemplo político de lá, certamente nas eleições de 2014 vocês votarão no PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), certo?

Bonga: Nenhum sistema funciona, na Suécia é tudo tão "perfeito" que a taxa de suicídio e depressão é altíssima. Eu não voto faz tempo, pois nunca estou no meu domicílio eleitoral, na verdade eu quero que se foda, mas muita gente me critica pois sou contra o voto nulo atualmente. Ao menos que rolasse uma grande movimentação anterior às eleições convocando o voto nulo devido à algum motivo e a população fizesse adesão à causa, mas não votando contribuimos para tipos como Bolsonaro, Alckmin e Cabral estejam comandando as nossas vidas. Enquanto o sistema for assim, eu prefiro tentar encontrar o menos pior. Por exemplo, quem disser que Kassab e Haddad são iguais, deve viver em outro planeta e não na cidade de São Paulo.

Mas, mesmo assim, quero a cabeça do Haddad em praça pública.

Bahia: Eu nem voto, só por ser obrigatório, pra mim é inconcebível, voto nulo é ineficaz, se você quer realmente provocar impacto, fique em casa e simplesmente não vote, se todo mundo violar tal lei, isso deixa de ser lei, daí o burro estúpido cidadão não seria obrigado a votar errado, porque eu duvido que tenha alguém que presta se elegendo hoje em dia. Não sei como funciona tal regime na Suécia, pois eu nunca se quer pisei lá, mesmo gostando bastantes das bandas.

Felipe: Nomenclaturas de partidos aqui não significam nada. Se houvesse um mínimo de sinceridade, o PSDB se chamaria Partido Neo-Liberal. Todos os partidos se parecem, independente do nome. Isso é triste. Parecem que copiaram os estatutos uns dos outros. Fundam partidos novos, mas são sempre as mesmas pessoas, políticos profissionais que se perpetuam no poder. Eu não acredito em representação partidária. Nem que posso mudar algo pelo voto.



Miséria: Não é meio cansativo trabalhar a semana toda e tocar nos finais de semana, ter que carregar equipamentos, as vezes para lugares distantes, e com retorno financeiro praticamente zero? O que motiva vocês a fazer isso?

Felipe: É cansativo, sim. Mas sempre que paro pra pensar nisso, nunca quero parar de tocar. Eu quero é parar de trabalhar!! O cansativo é ter que trabalhar na segunda-feira.

Bonga: As vezes me pergunto isso também. O retorno financeiro não é praticamente zero ou zero, é menos zero. Mas tocar nos finais de semana é o meio que encontramos para sair da rotina maçante do dia a dia, de ser você mesmo de conhecer pessoas bacanas e também o bem que o barulho faz aos ouvidos.

Bahia: Você tem razão, precisamos de um cache mais alto, ahahahha, mas enfim como foi dito antes, o cansativo é ter que trabalhar, se pudéssemos viver só da banda seria ótimo, mas enquanto não acontece, não deixamos de tocar por esse motivo, não é suficiente pra parar a gente. Bonga: Sim, gostaríamos de viver para a banda e não da banda.

Miséria: Eu sei que o Bonga (vocal) fez ou faz o zine Nuvem Negra, qual o envolvimento de vocês com a imprensa alternativa? Além do Nuvem Negra vocês editam algum outro zine?

Bonga: Eu editei duas edições do fanzine Nuvem Negra entre 2008 e 2010. A primeira com mais de 30 páginas A4 e a segunda com mais de 50. Foi em uma época que havia acabado a faculdade de Jornalismo (nunca trabalhei na área), morava com meus pais, as bandas estavam devagar e tinha as noites livres, então ocupava-as escrevendo e diagramando os fanzines. Não é algo que eu queira nunca mais fazer, mas no momento estou sem tempo. Hoje em dia no máximo colaborações, como a que fiz para a revistinha Náusea, editada pelo Marcelo (ROT, Absurd Records, Extreme Noise Discos).

Miséria: Todas as poucas vezes que eu vejo uma banda punk na TV eu lembro do Ratos de Porão tocando no programa da Xuxa, provavelmente foi a coisa mais educativa que já passou no programa dela. Embora seja meio estranho. Vocês tocaram recentemente em um programa de TV chamado Garage, vocês podem falar sobre como foi participar do programa? Podem falar um pouco sobre ele? Qual a diferença entre dar uma entrevista na TV e dar entrevista para um zine?

Bonga: Foi muito massa! O programa passa ao vivo na TV Itape, que pega em Itapetininga e região. Podemos tocar seis sons e falar sobre o trampo da banda, tudo com 100% de liberdade. Eu prefiro bem mais escrever do que falar, minha cabeça é meio confusa e penso em mil coisas que poderia dizer naquela hora, então creio que a dificuldade na televisão ao vivo seja a timidez e a dificuldade de se expressar.

Bahia: Meio complicado falar ao vivo, as vezes você não consegue falar tudo o que queria por causa do tempo ou porque as vezes você se sente surpreendido por causa da pergunta, falar escrevendo te dá mais calma para você conseguir expor mais as ideias, parece que você tem mais tempo do que fosse em uma entrevista oral.

Miséria: Neste mesmo dia vocês também tocaram em uma gig com outras bandas barulhentas, vocês tem sido bastante ativos, eu pensei que o Fear Of The Future seria mais um projeto do que uma banda que faria shows com frequência, quais bandas tem dividido palco com o Fear Of The Future? Eu vi que algumas bandas estrangeiras vieram para o Brasil, mas não reparei se vocês tocaram com algumas delas, caso vocês tenham tocado, sabem me dizer se tem alguma diferença entre dividir o palco com bandas gringas e bandas brasileiras?

Bonga: A gente tem tocado bastante com o Distúrbia Cladis, banda na qual acabamos de lançar juntos um split 7" e com os amigos do Nuclear Fröst. Também tocamos com bastante bandas de grindcore, inclusive duas gringas, os belgas do Agathoçes e os eslovacos da CAD. Outra banda estrangeira que já tocamos junto foi o Calamine (Suíça). Não há diferença, mas geralmente aparecem mais gente nas gigs e com certeza o intercâmbio e a troca de ideias com os gringos é sempre positiva.

Miséria: Aliás, como a banda surgiu?

Bonga: Eu estava bebendo com o Bahia (guitarrista) e o Marcelo (baterista) e vimos que tínhamos algumas noites durante a semana livres. No bar podre, na região do Bixiga (SP), tinha uma jukebox com vários sons, como Exodus, Dead Kennedys, Motörhead. No momento ouvíamos Venom e decidimos se reunir para tocar um pouco e tirar algumas versões de sons hardcore/punk 80's. O nome Fear of the Future veio deste dia, quando, já ultra bêbados e emacalhados, juntamos os nomes das bandas Fear of War e Rescues in Future, ambas da coletânea sueca em LP duplo que todos da banda amam, Vikings are Coming. Começamos a compor algumas músicas e logo vimos que rolou um entrosamento bacana no estúdio, além das mesas de bar. Logo encontramos o Felipe e aí sim a química ficou perfeita. Assim continuamos até hoje.

Miséria: Vocês lançaram a demo "Let's Get High Before It's Too Late" e agora estão para lançar o split com o Distúrbia Cladis, que contém uma letra em português, que inclusive já mencionamos na entrevista. Vocês lançaram a demo através de algum selo? Tem algum outro selo além da Terrotten envolvido no lançamento do Split? Quando ele será lançado e em quais formatos?

Bonga: A gravação das músicas e das mídias, a arte de capa, o layout do encarte, as impressões da capa e mídias foram todas feitas com a ajuda de nossos amigos, no velho espírito faça você mesmo. A apresentação do material ficou bem similar a de um CD prensado. São cinco sons em inglês que podem ser ouvidos aqui -

<http://fearofthefuture.bandcamp.com/>. O split vai sair em vinil sete polegadas, 500 cópias. Quando vocês lerem esta entrevista ele já estará disponível conosco, basta enviar um e-mail para mim (brunocarubbi@gmail.com) ou para algum dos selos envolvidos (Terrotten, Insane Noise, Equivokke, Zuada Recs, Purgatorius Recs, Extreme Noise Discos).

Miséria - Bom, é isso aí, deixo este espaço aqui para que vocês digam o que quiserem... Valeu mesmo pela entrevista!

Bahia: Se tiver uma coisa difícil a ser feita, a melhor opção é não fazer.

Bonga: Seja você mesmo! Vida longa aos fanzines de papel! Vamos chapar antes que seja tarde demais! Destrua!